



Texto para as Questões de 06 a 10.

De próprio punho

*A escrita e suas tecnologias sofrem interessantes metamorfoses, numa ciranda
que vai do simples bilhete aos originais de um livro*

1 Estranhei muito na primeira vez que escutei a expressão “de próprio punho”. Parecia
2 que eu ia bater em alguém. Não era bem o caso. Foi numa situação bancária, dessas bem
3 burocráticas, e eu devia escrever algo bem breve, mas com minhas mãos. Na verdade,
4 o que importava era a autenticidade da minha caligrafia, que à época ainda era mais
5 fluente e firme. Depois dos teclados de computador, ela rateia bastante. Minha letra,
6 hoje, tem uma espécie de alternância: dia sim, dia não, trêmula e firme, forte e fraca,
7 mais rotunda e mais cheia de arestas.

8 É claro que já escrevi muito mais de próprio punho ou, numa palavra mais bonita,
9 manuscreei (prefiro a mão ao punho, embora ele também seja usado na tarefa). Mas isso
10 não é um feito individual. Em larga medida, é social. Muita gente sente o mesmo que
11 eu, isto é, escreve bem menos usando as mãos, ou melhor, empregando algum tipo de
12 tecnologia (lápiz, caneta etc.) para escrever com grafite ou tinta ou giz ou carvão ou
13 sangue e o que mais. É importante lembrar que ainda há gente que não sabe escrever
14 neste país, neste planeta, mas muita gente sabe e tem um combo de tecnologias mais
15 ou menos à disposição para isso. Sou dessas pessoas privilegiadas que têm várias
16 possibilidades, e uma delas nunca deixou de ser o uso das minhas mãos. Ainda hoje,
17 são elas que batucam meu teclado de computador ou que tocam suavemente duas ou
18 três telas sensíveis. Mas não expressam mais a minha letra. No lugar, aparecem Times
19 New Roman, Arial, Calibri e mais uma centena de “letras” à minha escolha. Eu e Deus
20 e o mundo.

21 A despeito desse rol de chances e ferramentas para escrever, o manuscrito nunca
22 deixou de pintar aqui e ali, muitas vezes como obrigação. Na escola, por exemplo, até
23 hoje ele é soberano. No Enem também. Curioso, não? Fico pensando em que espaços
24 e ocasiões ainda uso minha letra. Olhando ao redor, na minha casa, minha letra está
25 em espaços muito delimitados e específicos: bilhetes. Eles estão principalmente na
26 cozinha, em especial na porta da geladeira, a fim de manter a comunicação com meus
27 coabitantes, sempre muito esquecidos ou relapsos. Mas também há bilhetes em *post its*
28 na minha mesa do escritório, textinhos em garranchos por meio dos quais me comunico
29 comigo mesma, a evitar um comportamento esquecido e relapso.

30 No escritório, costumo ser mais suave comigo mesma, mas também muito mais
31 lacônica, a ponto de nem eu me entender, se passar o tempo. Em todos os casos vai
32 minha letra, menos e mais redonda, a lápis e a tinta azul, em *post its* rosa-choque, colados
33 precariamente, e todos com destino à lixeira, em breve. Justo porque eles funcionam
34 como lembretes de tarefas e coisas que devem ser vencidas e, claro, substituídas por
35 outras, num fluxo infinito, às vezes ansiogênico, com que a maioria dos adultos (e mais
36 ainda as adultas) precisa conviver.

37 As formas de escrever mudam, as necessidades também, e o resultado é um elenco
38 complexo, em que nada dispensa nada, a depender da tarefa ou da importância das coisas
39 ou de suas funções, claro. A escrita e suas tecnologias incríveis vão se reposicionando,
40 mudando de status, numa ciranda interessante e importante que pode ser vista à luz de
41 certa diversidade que encontra suas oportunidades e seus efeitos, aqui e ali. Não adianta
42 muito pensar sempre como se tudo fosse excludente. Estão aí minha farta comunicação
43 por bilhetes, minha gaveta alegre de *post its* de toda cor, esperando para serem usados,
44 e o cheque do cartório, em que quase tudo já é digital. “Do punho ao pixel” não é uma
45 frase filosoficamente correta. O negócio é mais “o punho e o pixel”.

RIBEIRO, A. E. Disponível em: <https://rascunho.com.br>.
Acesso em: 16 jan. 2024 (adaptado).



QUESTÃO 06

No que diz respeito ao gênero bilhete, a autora dessa crônica

- A** ressalta a formalidade na comunicação com as pessoas de sua convivência.
- B** critica a ansiedade causada pela velocidade da comunicação.
- C** expressa a obrigatoriedade de concisão nas anotações.
- D** questiona a prática da escrita de próprio punho.
- E** apresenta a diversidade de usos no cotidiano.

QUESTÃO 07

O elemento que caracteriza esse texto como uma crônica é a

- A** defesa das opiniões da autora sobre um tema de interesse coletivo.
- B** exposição sobre o uso de tecnologias nas práticas de escrita atuais.
- C** abordagem de fatos do contexto pessoal em uma perspectiva reflexiva.
- D** utilização de recursos linguísticos para a interlocução direta com o leitor.
- E** apresentação de acontecimentos segundo a ordem de sucessão no tempo.

QUESTÃO 08

Nesse texto, o que caracteriza a escrita “de próprio punho” é a letra manuscrita, enquanto a escrita digital é ilustrada pelo(a)

- A** utilização de tecnologias diversificadas.
- B** desenvolvimento de novos recursos de escrita.
- C** possibilidade de interações mediadas por telas.
- D** diversidade de fontes tipográficas que estão disponíveis.
- E** delimitação dos espaços onde a produção textual ocorre.

QUESTÃO 09

A autora conclui que as novas tecnologias de escrita

- A** evoluem para facilitar a vida cotidiana.
- B** alcançam diferentes realidades sociais.
- C** coexistem com outras já estabelecidas.
- D** promovem maior agilidade na comunicação.
- E** surgem nos contextos em que são necessárias.

QUESTÃO 10

O recurso linguístico usado para marcar a síntese da opinião da autora sobre a temática desenvolvida foi o(a)

- A** emprego da primeira pessoa em “Estranhei muito na primeira vez que escutei a expressão ‘de próprio punho’”. (l. 1)
- B** utilização de locução adverbial em “Na verdade, o que importava era a autenticidade da minha caligrafia”. (l. 3-4)
- C** uso de pronome possessivo em “Minha letra, hoje, tem uma espécie de alternância”. (l. 5-6)
- D** adoção de termo autorreflexivo em “No escritório, costumo ser mais suave comigo mesma”. (l. 30)
- E** substituição da expressão “Do punho ao pixel” (l. 44) pela expressão “o punho e o pixel”. (l. 45)



QUESTÃO 11

— Vejo, disse ele com algum acanhamento, que o doutor não é nenhum pé-rapado, mas nunca é bom facilitar... Minha filha Nocência fez 18 anos pelo Natal, e é rapariga que pela feição parece moça de cidade, muito ariscazinha de modos, mas bonita e boa de veras... Coitada, foi criada sem mãe, e aqui nestes fundões. [...]

— Ora muito que bem, continuou Pereira caindo aos poucos na habitual garrulice, quando vi a menina tomar corpo, tratei logo de casá-la.

— Ah! é casada? perguntou Cirino.

— Isto é, é e não é. A coisa está apalavrada. Por aqui costuma labutar no costeiro do gado para São Paulo um homem de mão-cheia, que talvez o sr. conheça... o Manecão Doca...

— Não, respondeu Cirino abanando a cabeça.

— Pois isso é um homem às direitas, desempenado e trabucador como ele só... fura estes sertões todos e vem tangendo pontes de gado que metem pasmo. Também dizem que tem bichado muito e ajuntado cobre grosso, o que é possível, porque não é gastador nem dado a mulheres. Uma feita que estava aqui de pousada... olhe, mesmo neste lugar onde estava mecê inda agorinha, falei-lhe em casamento... isto é, dei-lhe uns toques... porque os pais devem tomar isso a si para bem de suas famílias; não acha?

— Boa dúvida, aprovou Cirino, dou-lhe toda a razão; era do seu dever.

TAUNAY, A. d'E. **Inocência**. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 29 fev. 2024.

Nesse trecho, ao se referir à sua filha, o pai de Inocência reproduz os ideais românticos, presentes na

- A valorização do ambiente rural na formação moral da mulher.
- B figura decorativa da mulher ante o protagonismo masculino.
- C equivalência de origem social para a harmonia do casal.
- D importância do dote como condição para o casamento.
- E aura de mistério sobre a identidade da jovem.

QUESTÃO 12

O Ministério do Esporte no Brasil lançou o programa Maré Inclusiva, em 2024, ano dos Jogos Paralímpicos de Paris. Esse programa visa ampliar as oportunidades para pessoas com deficiência que desejam praticar o surf. O parasurf é a prática do surf adaptada para permitir que pessoas com deficiência pratiquem o esporte em todas as suas categorias, modalidades e manifestações. Para a Secretaria Nacional do Paradesporto, a iniciativa é mais do que um programa de esporte, é uma iniciativa que busca transformar vidas e promover a inclusão por meio do parasurf, criando um legado de igualdade e respeito.

Disponível em: www.gov.br/esporte. Acesso em: 6 set. 2024 (adaptado).

De acordo com esse texto, o programa voltado ao estímulo da prática do parasurf evidencia a

- A adesão de diferentes países a programas inclusivos.
- B preocupação política em atender a demandas paralímpicas.
- C importância de uma política pública esportiva para a inclusão.
- D eficiência das iniciativas de inclusão em megaeventos esportivos.
- E escassez de investimento em práticas corporais de aventura na natureza.

QUESTÃO 13

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

BRASIL. Lei n. 10 639/2003. Disponível em: www.gov.br/planalto. Acesso em: 5 maio 2024.

O emprego da norma-padrão é justificado nesse texto

- A pela especialização de seu público-alvo.
- B pela relevância cultural de seu conteúdo.
- C pelos contextos pedagógicos em que circula.
- D pela importância para os grupos étnico-raciais.
- E pelas características do gênero a que pertence.

QUESTÃO 14

Você entra
Fernando.



E sai
Pessoa.

26ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE SÃO PAULO
Todo mundo sai melhor do que entrou.
02 a 10 de julho
Novo local: EXPO CENTER NORTE



Disponível em: www.publishnews.com.br. Acesso em: 19 set. 2024.

Nesse cartaz publicitário, os recursos verbais e não verbais constroem um argumento que objetiva

- A divulgar a obra de Fernando Pessoa no Brasil.
- B valorizar a realização de eventos literários no país.
- C ressaltar o impacto da leitura na vida das pessoas.
- D fomentar o turismo cultural na cidade de São Paulo.
- E evidenciar a influência de Pessoa na literatura brasileira.

QUESTÃO 15

O retrato como gênero da pintura ocidental ficou vinculado às elites, tornando invisíveis as populações que não faziam parte do círculo dominante. Num país de tradição escravocrata e colonizado por europeus como o Brasil, pouquíssimas pessoas negras e indígenas foram retratadas em pintura, e menos ainda identificadas com seus nomes nos retratos. Daí a importância, para a história da arte e para a história brasileira, dos retratos de Dalton Paula.



Figura 1

PAULA, D. Zeferina.
Óleo sobre tela, 59 × 44 cm.
Masp, São Paulo, 2018.



Figura 2

PAULA, D. João de Deus Nascimento.
Óleo sobre tela, 59,5 × 44 cm.
Masp, São Paulo, 2018.

Disponível em: www.masp.org.br. Acesso em: 5 maio 2024 (adaptado).

Ao dar protagonismo a Zeferina e a João de Deus Nascimento, o artista Dalton Paula evidencia que a(s)

- Ⓐ arte pode promover formas de afirmação de identidade social.
- Ⓑ comunidades periféricas passam a adquirir o gênero retrato.
- Ⓒ personagens retratadas simbolizam a sociedade brasileira.
- Ⓓ pintura funciona como instrumento de ascensão social.
- Ⓔ imagens tradicionais preservam memórias afetivas.

QUESTÃO 16

Símbolos

Eu e tu, ante a noite e o amplo desdobramento
do mar, fero, a estourar de encontro à rocha nua...
Um símbolo descubro aqui, neste momento
esta rocha, este mar... a minha vida e a tua.

O mar vem, o mar vai, nele há o gesto violento
de quem maltrata e, após, se arrepende e recua.
Como compreendo bem da rocha o sentimento!
São muito iguais, por certo, a minha mágoa e a sua.

Contemplo neste quadro a nossa triste vida;
tu és dúbio mar que, na sua inconsciência,
tem carinhos de amor e fúrias de demência!

Eu sou a dor estanque, a dor empedernida,
sou rocha a emergir de um côncavo de areia,
imóvel, muda, isenta e alheia ao mar, alheia.

MACHADO, G. *Poesia completa*. Rio de Janeiro:
Cátedra/MEC, 1978.

Nesse soneto, os traços da estética simbolista são resgatados pelo eu lírico ao

- Ⓐ rejeitar as emoções de “amor” e “mágoa”.
- Ⓑ expressar a dubiedade do olhar sobre o outro.
- Ⓒ representar o “eu” e o “tu” como sujeitos volúveis.
- Ⓓ associar a sua inconsciência a elementos da natureza.
- Ⓔ metaforizar o conflito amoroso nas imagens de “mar” e “rocha”.

QUESTÃO 17

Antes do inverno chegar.

Ela tinha olhinhos brilhantes. Os mesmos de antes. Antes da fome. Antes das 17 mudanças de cidade. Dos sete filhos e dos muitos anos de trabalho dentro e fora de casa.

Ela fazia ambrosia, bolo de fubá e pedacinhos de queijo. Antes do inverno, ela plantava flores novas e diferentes para nos esperar nas próximas férias de verão.

Ela tinha o jeito de menina. Menina sapeca, correndo na grama seca do cerrado. O mesmo jeito de antes. Antes do marido (e mesmo com o marido). Antes do cansaço dos anos. Antes da dureza do trato com a terra.

Ela tinha histórias. Compridas, curtas, divertidas e verdadeiras. Mas isso foi antes. Antes das lembranças se bagunçarem feito bolas coloridas de Natal esperando para serem montadas na árvore.

Eu era sua neta. Antes do Alzheimer chegar, eu era sua neta. Mas ela é e sempre será minha avó.

PERSON, C. R. *Borboletas no estômago*: porque às vezes o título precisa ser adolescente e clichê, já que a vida exige sermos tão adultos. São Paulo: Ed. das Autoras, 2021.

A narradora, ao resgatar memórias da história de vida da avó, faz uso recorrente da locução “antes de”. Esse termo colabora para a progressão temática na medida em que

- Ⓐ relaciona eventos ocorridos simultaneamente.
- Ⓑ estabelece uma comparação entre as lembranças.
- Ⓒ ressalta fatos que ressignificam o momento presente.
- Ⓓ sinaliza uma sequência que denota ações consecutivas.
- Ⓔ apresenta uma explicação para as memórias resgatadas.



QUESTÃO 18

Com 20 anos de experiência no futebol de alto rendimento, Marina, ex-jogadora da seleção brasileira de futebol, salienta que, por trás do espetáculo apresentado nas mídias, com mensagens de motivação e superação, o esporte não é tão inclusivo assim. “É esta análise que devemos fazer: aqueles atletas que estão ali estão trazendo uma alta performance a partir dos seus limites”, explica. Para a profissional, é preciso analisar com cautela “a ideia romântica que a mídia passa para os telespectadores”. A realidade é muito mais dura do que as imagens espetaculosas que principalmente a televisão busca transmitir para a audiência. “Por trás existe um ser humano, a gente não pode nunca esquecer isso. Aquela pessoa treinou insistentemente para estar ali, durante meses, semanas e temporadas. Duas vezes ao dia, de duas a quatro horas”, pondera Marina. Atualmente, as crianças e os jovens vislumbram o sucesso profissional e a boa-vida financeira de poucos atletas que se destacam e estampam os meios de comunicação. Tudo parece ser muito mais fácil do que realmente é quando apenas as conquistas são mostradas.

ROSOLEN, N. Disponível em: www.uninter.com.
Acesso em: 10 maio 2024 (adaptado).

Nesse texto, a visão crítica de uma ex-atleta de futebol revela que

- A os meios de comunicação invisibilizam as dificuldades presentes no esporte.
- B o treinamento atlético de alto nível é desestimulante para os indivíduos.
- C o trabalho contínuo é desvalorizado no contexto esportivo profissional.
- D as ações de incentivo financeiro a jovens atletas são precárias.
- E as publicações da mídia esportiva rotulam atletas iniciantes.

QUESTÃO 19

No predomínio das mulheres pretas brasileiras nos Jogos Olímpicos de 2024, uma coisa chamou a atenção no pódio: elas valorizam a parte psicológica. As duas medalhistas de ouro, a judoca Beatriz Souza e a ginasta Rebeca Andrade, ressaltam, em várias entrevistas, a importância da saúde mental. Em uma dessas entrevistas, Rebeca sinaliza: “Acho que não é só sobre vencer a Simone, é sobre vencer a mim mesma. A minha briga está na minha cabeça, não está com outras pessoas. Para conseguir fazer as minhas apresentações, preciso controlar a minha cabeça, o meu corpo, e essa é a briga”. Na mesma linha, a skatista Rayssa Leal exalta a necessidade da terapia, e a Seleção Brasileira de Futebol de Mulheres tem o suporte psicológico como reforço no treinamento.

Disponível em: <https://iclnoticias.com.br>.
Acesso em: 18 set. 2024 (adaptado).

Nesse texto, as atletas brasileiras defendem o(a)

- A investimento na modernização de equipamentos.
- B subordinação do treinamento físico ao mental.
- C estímulo à competição entre adversárias.
- D aprimoramento da expressão corporal.
- E importância da saúde emocional.

QUESTÃO 20

A característica fundamental no aprendizado das práticas rituais nos candomblés é o processo iniciático e participante. Durante o período de reclusão em terreiros ou rocas, o iniciado passa por uma série de ritos esotéricos (banhos rituais, raspagem da cabeça etc.), ao mesmo tempo em que começa a adquirir um complexo código de símbolos materiais (substâncias, folhas, frutos, raízes etc.) e de gestos associados a um repertório linguístico específico das cerimônias que se desenrolam nos contextos sagrados em geral e em cada terreiro em particular.

Esse repertório linguístico, genericamente chamado de “língua de santo” na Bahia, compreende uma terminologia religiosa operacional, de caráter mágico-semântico e de aparente forma portuguesa, mas que repousa sobre sistemas lexicais de diferentes línguas africanas que provavelmente foram faladas no Brasil escravocrata, vindo a constituir uma língua ritual, que se acredita pertencer à nação do vodum, do orixá ou do inquice, e não a determinada nação africana política atual.

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br>.
Acesso em: 21 jan. 2024 (adaptado).

A “língua de santo” tem sua importância para o patrimônio linguístico brasileiro por

- A apresentar uma carga semântica mítica.
- B conservar elementos dos falares dos escravizados.
- C resgatar expressões portuguesas do período colonial.
- D decodificar o ritual religioso dos nossos antepassados.
- E favorecer a compreensão do léxico africano contemporâneo.

QUESTÃO 21

O meu medo é entrar na faculdade e tirar zero eu que nunca fui bom de matemática fraco no inglês eu que nunca gostei de química geografia e português o que é que eu faço agora hein mãe não sei. [...]

O meu medo é a vida piorar e eu não conseguir arranjar emprego nem de faxineiro nem de porteiro nem de ajudante de pedreiro e o pessoal dizer que o governo já fez o que pôde já pôde o que fez já deu a sua cota de participação hein mãe não sei.

O meu medo é que mesmo com diploma debaixo do braço andando por aí desiludido e desempregado o policial me olhe de cara feia e eu acabe fazendo uma burrice sei lá uma besteira será que eu vou ter direito a uma cela especial hein mãe não sei.

FREIRE, M. **Contos negreiros**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Nesse texto, a reiteração dos medos e das angústias do narrador exprime

- A inseguranças sobre o futuro familiar.
- B dilemas resultantes de seu fracasso escolar.
- C incertezas centradas em sua condição social.
- D hesitações em relação à sua formação profissional.
- E preocupações com as políticas públicas assistenciais.

QUESTÃO 22

TEXTO I

A Ilha do Ferro, situada a 18 km do município de Pão de Açúcar, não é uma ilha, como o nome indica. A história do povoado é semelhante à de inúmeros outros que encontramos às margens do Rio São Francisco, entre Alagoas e Sergipe. O que torna diferente o lugar é sua gente. Hoje, dezenas de artistas populares povoam a Ilha do Ferro, trabalhando principalmente com o entalhe em madeira. Onde pessoas comuns enxergariam apenas troncos e galhos retorcidos, eles vislumbram bancos, bonecos, pássaros, cobras e bailarinas. “Às vezes, você passa por um pedaço de madeira uma vez e não vê nada, passa cinco vezes por ele e não vê nada”, conta um dos artistas, “mas, na décima vez, você consegue enxergar alguma forma nesse pedaço de madeira e transformá-lo em arte”.

Disponível em: www.imaterial.art.br. Acesso em: 5 fev. 2025 (adaptado).

TEXTO II



FARIAS, Y. **Bailarino entalhado em gravetos de madeira**. Artesanato em madeira, 20 × 13 × 51 cm. Ilha do Ferro (AL).

Disponível em: www.nidelins.com.br. Acesso em: 5 fev. 2025.

A originalidade do trabalho dos artistas da Ilha do Ferro se dá pela

- A** reutilização de materiais para redução do impacto ambiental.
- B** resignificação da matéria-prima atribuindo-lhe nova função.
- C** reprodução em madeira de modelos artísticos canônicos.
- D** representação de práticas corporais da comunidade.
- E** replicação seriada para distribuição em larga escala.

QUESTÃO 23

TEXTO I

Os trabalhos da exposição *Adriana Varejão: suturas, fissuras, ruínas* colocam em pauta o exame da história visual, das tradições iconográficas europeias e do fazer artístico ocidental. O corte, a rachadura, o talho e a fissura são elementos de narrativas recorrentes nos trabalhos da artista desde 1992. As produções recentes incluem pinturas tridimensionais de grande escala das séries *Ruínas de charque* e *Línguas*.

Disponível em: <https://pinacoteca.org.br>.

Acesso em: 10 jan. 2025 (adaptado).

TEXTO II



VAREJÃO, A. **Azulejaria em carne viva**. Óleo sobre tela, poliuretano, madeira e alumínio, 160 × 200 × 25 cm. 1999.

Disponível em: www.adrianavarejao.net. Acesso em: 10 jan. 2025.

A utilização de recursos visuais como suturas, cortes e ruínas por Adriana Varejão, na obra *Azulejaria em carne viva*, remete à(s)

- A** sobreposição da cultura brasileira à arte portuguesa.
- B** manutenção da representação realista na arte brasileira.
- C** violências desencadeadas pelo processo colonial brasileiro.
- D** desigualdades nos incentivos à produção artística brasileira.
- E** negligência na conservação do patrimônio arquitetônico luso-brasileiro.



QUESTÃO 24

Cartaz da campanha "EM UM MUNDO DE DIFERENÇAS ENXERGUE A IGUALDADE". No topo, há duas fotos de crianças: Carlos Pataxicoré, um menino indígena com pintura facial vermelha, e Quézia Silva, uma menina negra com tranças. Ambas as fotos têm o texto "e o futuro todo pela frente." sobreposto. Abaixo das fotos, o título "EM UM MUNDO DE DIFERENÇAS ENXERGUE A IGUALDADE" está em letras grandes, com "ENXERGUE A IGUALDADE" em azul. Abaixo do título, há um texto explicando que o Brasil tem 31 milhões de crianças negras e indígenas que sofrem com discriminação racial e falta de acesso à educação, saúde e desenvolvimento. O texto pede para ajudar a mudar essa realidade e contribuir para uma infância sem racismo. No rodapé, há o link "Participe desta campanha. Acesse: www.unicef.org.br" e o logo "RACISMO" com um símbolo de proibido e o logo "unicef".

Disponível em: www.unicef.org.br. Acesso em: 15 jan. 2024 (adaptado).

Nesse cartaz, a utilização de frases que projetam a vida profissional de duas crianças tem como objetivo

- A sugerir a arrecadação de fundos para o sustento de povos originários no país.
- B sensibilizar a sociedade sobre os benefícios decorrentes do combate ao racismo.
- C indicar a importância da orientação vocacional na educação de crianças no Brasil.
- D chamar a atenção sobre a necessidade de ações voltadas para a educação infantil.
- E valorizar o trabalho de agências internacionais na luta contra a discriminação racial.

QUESTÃO 25

Passando por aqui para lembrar algumas palavras, frases e expressões que nos infernizaram em 2023. Inclusive passando por aqui. Se você for proativo, vai achar que é o novo normal. Estarão na sua zona de conforto. Mas, se for reativo como eu, vai achar que é uma narrativa que precisa ser ressignificada.

É uma questão de empatia. É sobre entregar um discurso mais robusto e empoderado. Sei bem que não tenho lugar de fala para harmonizar certos pontos fora da curva e que preciso aplicar toda a minha resiliência para fazer um realinhamento. O nível de fitness está hoje num sarrafo muito alto.

O fato é que acho cringe essas falas fora da caixinha. Aliás, falar cringe já é meio cringe. Preciso usar a superação para me reinventar e entender que resenha não tem mais a ver com futebol, é qualquer papo, desde que latente.

Pensando bem, não é tão difícil. Frases feitas são aquelas que entram por um ouvido e saem pelo outro sem um estágio intermediário no cérebro. A boca fala por conta própria, dispensando-nos de pensar. E não tem problema nisso. Ou as ditas frases se incorporam à língua ou morrem e nascem outras. A língua é assim. Simples assim.

CASTRO, R. Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em: 3 fev. 2024 (adaptado).

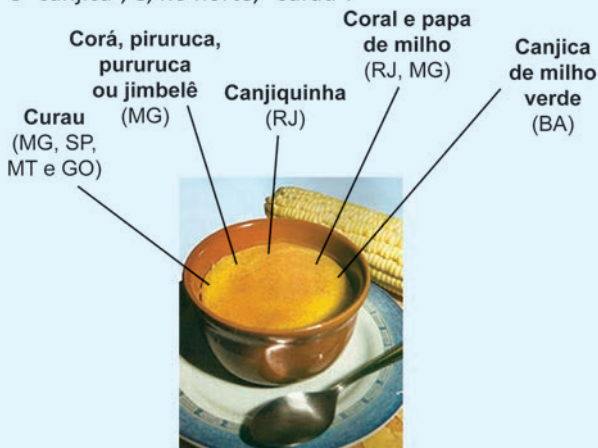
Nesse texto, a estratégia empregada para criticar a constante exposição a palavras, frases e expressões automatizadas é o(a)

- A menção feita à efemeridade de alguns usos linguísticos aleatórios.
- B subjetividade marcada pela reflexão que se desenvolve em primeira pessoa.
- C efeito estilístico da repetição intencional da palavra "assim" no último parágrafo.
- D sedução sugerida pelo envolvimento direto do leitor marcado nos usos de "você" e "sua".
- E humor gerado pelo uso das estruturas linguísticas que são objeto da reflexão desenvolvida.

QUESTÃO 26

Doce mistura

A canjica – creme amarelo à base de milho – é prova da diversidade do Brasil, pelas variações em seu nome de batismo. Servido polvilhado com canela, o doce confunde: o que lá no norte é “canjica”, lá no sul é “curau”. Os nomes se invertem quando o doce muda. O creme branco com os grãos inteiros de milho, no sul, é “canjica”, e, no norte, “curau”.



Revista Língua Portuguesa, n. 31, maio 2008 (adaptado).

Esse texto, que apresenta um prato da culinária brasileira, evidencia

- A valor afetivo nas nomenclaturas.
- B variedade linguística entre regiões.
- C disputa regional pelo melhor prato.
- D modos de preparo de um mesmo alimento.
- E paladares diversificados entre diferentes estados.

QUESTÃO 27

A diferença entre briga e luta é a existência de juízes e medalhas? A briga desumaniza o outro e pode até matá-lo. Já na luta, as intenções do outro são consideradas sua proposta combativa e suas habilidades, enfim, sua meta de vencer. Na luta, o desenvolvimento passa pelo contato com a agressividade, a raiva, a frustração, o orgulho, a determinação e a fraqueza. Daí também a luta não ser apenas com o outro, mas consigo mesmo, num combate contra as próprias limitações, sobretudo, contra o próprio orgulho.

BARREIRA, C. A briga desumaniza. A luta, não.
O Estado de S. Paulo, 22 ago. 2010 (adaptado).

Esse texto apresenta as diferenças entre briga e luta, na medida em que aponta o(a)

- A superação pessoal na luta.
- B violência evidenciada na luta.
- C predomínio de regras na briga.
- D desafio externo presente na luta.
- E habilidade desenvolvida na briga.

QUESTÃO 28

Pequenino morto

Tange o sino, tange, numa voz de choro,
Numa voz de choro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo... Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tange numa voz de choro...
Pequenino, acorda!

Que caminho triste, e que viagem! Alas
De ciprestes negros a gemer no vento;
Tanta boca aberta de famintas valas
A pedir que as fartem, a esperar que as encham...
Pequenino, acorda! Recupera o alento,
Foge da cobiça dessas fundas valas
A pedir que as encham.

CARVALHO, V. *Poemas e canções*. Rio de Janeiro: Saraiva, 1962 (fragmento).

Nesse fragmento do poema, o sentimento de luto adquire contornos expressivos e é intensificado pela

- A descrição da paisagem de um cemitério.
- B recusa do eu lírico à irreversibilidade da morte.
- C sonoridade dos versos produzida pela pontuação.
- D religiosidade evocada como forma de fortalecimento.
- E impressão de sonho na construção da estrutura poética.

QUESTÃO 29

Só entende os corações desse lugar quem mergulha nesse mar a perder de vista e recoberto de cana caiana, cana fita, cana roxa, cana-de-macaco, açúcar, melado, rapadura, aguardente, fumo, mandioca, quiabos, pimentas, moendas, frutas, fruta-pão, sobrados, senzalas, tachos, casa de purgar. Um reino dentro de outro, com tudo o que se tem direito: reis, rainhas, príncipes e princesas, bobos da corte, cortesãos, conselheiros e escravos, muitos escravos. [...]

A corte do massapé, como qualquer outra na história da humanidade, fazia tudo para não deixar escapar nenhum mísero grão dos seus domínios para quem estivesse de fora do seu apertado círculo. Os nomes se repetiam de pai para filho, para sobrinho, para netos e bisnetos, de forma concêntrica e repetitiva, para que não pairasse nenhuma dúvida de que são todos da mesma parentela. As farinhas todas num mesmo saco brasonado.

CRUZ, E. A. *Água de barreira*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

Nesse fragmento, o narrador enumera o resultado do trabalho com a terra, o qual, no contexto em que aparece,

- A espelha a permanência dos privilégios de classe.
- B oferece um panorama da população do campo.
- C mostra os benefícios da fartura na agricultura.
- D defende a importância da atividade coletiva.
- E valoriza o trabalho ao longo das gerações.



QUESTÃO 30

Uruku
Urucum
Rocou
(*Bixa orellana*)

Maju, dono da água, não gosta do cheiro de urucum. Mani'ojarã, dono da mandioca, e os donos das outras plantas cultivadas também não. Eles não suportam. Por isso, os Wajãpi se untam de urucum, deixam o rosto vermelho e se perfumam com seu aroma agradável. Além disso, os seres agressores, os jarã (donos) e os espíritos terrestres, gostam do cheiro dos fluidos humanos, do sangue, do suor. Então, o urucum os dissimula, protegendo as pessoas que vão caçar, caminhar pela floresta, que estão sendo perturbadas por espíritos em sonhos ou que estão em resguardo, como os doentes. O seu uso é tão cotidiano que os Wajãpi o plantam na aldeia, para ter sempre pertinho. Como o urucum não tem jarã, não tem problema nenhum em arrancar e usar para pintar.

STRAPPAZZON, A. I.; SIGOLO, R. P. **Jardins da história**: medicinas indígenas. Recife: ObservaPICS, 2022.

Esse verbete contribui para a preservação do patrimônio linguístico nacional, pois apresenta uma

- A explicação de um rito medicinal do povo Wajãpi.
- B definição de um termo na perspectiva ancestral indígena.
- C relação de equivalência entre vocábulos de diferentes línguas indígenas.
- D atualização de saberes tradicionais dos povos indígenas brasileiros.
- E descrição das propriedades científicas de plantas silvestres.

QUESTÃO 31

dezenove



Cada vez mais somos convocados para dentro das Redes. Mas não levamos a nossa rede e penduramos no alpendre da casa de um amigo, não sentimos o cheiro da casa enquanto o café se derrama na xícara ou ouvimos o piar dos passarinhos ou a música da chuva.

A Rede nos convoca e o que somos lá dentro é o que somos do lado de fora?

Há um intervalo entre este eu dentro da tela e o outro que somos?

A palavra rede é vasta.

MURRAY, R.; KLIGERMAN, E. **Teias de afeto e poesia**. Disponível em: <https://roseanamurray.com>. Acesso em: 5 maio 2024.

Nesse texto, a autora aborda diferentes sentidos da palavra "rede" para evidenciar

- A as formas de comunicação em meios digitais.
- B a necessidade de atualização das mídias sociais.
- C os conflitos de identidade dos usuários da internet.
- D o impacto das tecnologias nas interações humanas.
- E os desejos de compartilhar vivências com os amigos.

QUESTÃO 32

Muitos pensam que narrativa curta é sinônimo de conto, perdendo de vista gêneros que, por tradição ruim, continuam à margem da nobreza. Acontece que o conto tem uma densidade específica, centrando-se na exemplaridade de um instante da condição humana, sem que essa exemplaridade se refira à valorização moral, já que uma grande mazela pode muito bem exemplificar uma das nossas faces. A crônica não tem essa característica. Conservou a marca do registro circunstancial feito por narrador-repórter que relata um fato para muitos leitores que formam um público determinado.

Mas que público é esse? Sendo a crônica uma soma de jornalismo e literatura (daí a imagem do narrador-repórter), dirige-se a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada, o que significa uma espécie de censura ou, pelo menos, de limitação: a ideologia do veículo corresponde ao interesse dos seus consumidores, direcionados pelos proprietários dos periódicos e/ou pelos editores-chefes da redação. Ocorre ainda o limite de espaço, uma vez que a página comporta várias matérias, o que impõe a cada uma delas um número restrito de laudas, obrigando o redator a explorar, da maneira mais econômica possível, o pequeno espaço de que dispõe. É dessa economia que nasce sua riqueza estrutural.

SÁ, J. A **crônica**. São Paulo: Ática, 1987 (adaptado).

De acordo com esse texto, o aspecto tecnológico que influencia a composição do gênero crônica advém da

- A conexão ideológica.
- B densidade temática.
- C ênfase no público leitor.
- D apresentação de uma moral.
- E restrição espacial do suporte.

QUESTÃO 33

Disponível em: www.tjdft.jus.br. Acesso em: 15 out. 2024 (adaptado).

Esse texto trata de um problema social com o propósito de

- A divulgar campanha virtual contra casos de feminicídio.
- B promover engajamento do setor educacional na luta contra a violência.
- C comparar o impacto da violência na qualidade de vida de meninas e meninos.
- D ressaltar a importância da segurança dos estudantes no ambiente escolar.
- E dar visibilidade a estudos e pesquisas do setor de segurança.



QUESTÃO 34



Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com>.
Acesso em: 18 jun. 2024 (adaptado).

Com base na relação dos elementos não verbais com a frase “VOCÊ (NÃO) ESTÁ SOZINHO”, nessa capa de revista, a função poética fica evidente, pois

- A** essa frase informa sobre os riscos de um determinado comportamento social.
- B** o conteúdo da mensagem expressa a atitude do enunciador sobre o tema.
- C** a construção dessa frase possibilita mais de uma interpretação.
- D** essa frase estabelece um diálogo direto com o leitor.
- E** a linguagem utilizada volta-se para si mesma.

QUESTÃO 35

Margot Robbie foi criticada por “não ser bonita o suficiente” para interpretar a Barbie. Recentemente, Paolla Oliveira foi chamada de gorda. Só fico pensando o que serei eu com mais de 50 (também no peso), com a minha aparência comum. O corpo da mulher vive um *reality show* permanente: é sempre vigiado e fiscalizado, como se fosse domínio público. A mulher que não atender aos estereótipos está sujeita a sofrer penalidades básicas, como distúrbios, obsessões, medo do próprio corpo e, é claro, dietas à base de rúcula. “A dieta é o sedativo político mais potente na história das mulheres”, escreveu Naomi Wolf, em 1991. A regra é não haver singularidade, mascarar a passagem do tempo, imobilizar a beleza (já imaginou como isso seria enfadonho?). O mandamento é obedecer às regras sociais do bom comportamento corporal, “como deve ser”, não nos atos, mas na forma.

KORICH, B. S. Disponível em: www1.folha.uol.com.br.
Acesso em: 22 jan. 2024 (adaptado).

Nesse texto, para introduzir a ideia de que a fiscalização permanente sobre o corpo afeta todas as mulheres, a autora

- A** faz um comentário sobre sua própria imagem.
- B** destaca avaliações particulares entre parênteses.
- C** cita um formato de programa influente no segmento da beleza.
- D** utiliza declaração de uma jornalista como argumento de autoridade.
- E** enumera críticas à aparência de mulheres consideradas padrões de beleza.

QUESTÃO 36

I: o nome do filme é roupa suja ... eu assisti na minha casa ... com minha mãe ... tinha um ... o filme era sobre um homem que colocaram ... trocaram as bolsas ... daí o homem levou uma bolsa cheia de dinheiro sem ele saber que na mala dele ... pensando que era dele mas era errada ... quando ele chegou onde ele ia trabalhar ... tinha uma moça tentando abrir a porta pra fazer entrevista com uns cantores lá que tinham ... daí ele perguntou ... “você tá tentando abrir a porta?” ... daí ele ... “não ... não” ... daí ele disse ... “ah ... tá ... sim” ... daí ela ... “é ... e quero fazer uma entrevista” ... daí ele disse ... “você quer entrar ... então pode entrar” ... daí entraram ... daí ficaram lá ... quando ela entrou e queria fazer a entrevista um homem num deixou ... daí a mulher pegou ... subiu onde o homem tava trabalhando ... rapaz né ... onde ele tava trabalhando e ficou lá e dando o show ...

CUNHA, M. A. F. *Corpus discurso & gramática*: a língua falada e escrita na cidade de Natal. Disponível em: <https://deg.uff.br>.
Acesso em: 4 dez. 2024 (adaptado).

Nesse texto, a repetição da forma “daí” revela

- A** a necessidade de adequação ao interlocutor.
- B** a origem regional do locutor.
- C** a escolaridade do falante.
- D** uma estratégia presente na linguagem oral.
- E** uma ênfase em determinadas partes do discurso.



QUESTÃO 37

TEXTO I

Os Doze Trabalhos de Hércules

Hércules é uma figura lendária da mitologia greco-romana. Ele é frequentemente retratado como um herói de força sobre-humana e coragem, filho de Zeus, o rei dos deuses, e Alcmena, uma mulher mortal. O episódio mais conhecido de Hércules é a realização dos Doze Trabalhos.

Esses trabalhos são impostos a ele como uma forma de expiação pelos crimes cometidos durante um acesso de loucura, causado pela deusa Hera, esposa de Zeus. Os Doze Trabalhos são: matar o Leão de Nemeia; matar a Hidra de Lerna; capturar a corça de Cerineia; capturar o javali de Erimanto; limpar os estábulos de Áugias; matar as aves do lago Estínfalo; matar o touro de Creta; capturar os cavalos de Diomedes; roubar o cinturão de Hipólita, a rainha das Amazonas; capturar o gado de Gerião; capturar os pomos de ouro do Jardim das Hespérides; capturar o cão de Hades, Cérbero.

HERTEL, R. **Mitologia**. Disponível em: <https://osmelhoreslivros.com.br>. Acesso em: 4 jun. 2025 (adaptado).

TEXTO II

Os Doze Trabalhos

O que lhe faltava de estudo lhe sobrava de boa vontade e inteligência. No escritório improvisado na salinha da casa, anunciava seus serviços de bombeiro hidráulico e eletricitista. Nas horas vagas entregava panfletos e lavava carros. Quando a cidade fervia com alguma festa, postava-se à entrada vendendo cerveja. Se fosse algum show infantil, cocadas. Aos sábados, era pedreiro e, aos domingos, conservava um jardim de uma mansão, além de tratar da piscina e dos cachorros. Nas férias, abrigava-se na fazenda dos donos da mansão, onde trabalhava como caseiro e motorista. Seu nome: João Antonio da Silva. Mas pode chamar de Hércules.

FERREIRA, G. V. **Os doze trabalhos**. Disponível em: www.minicontos.com.br. Acesso em: 15 jul. 2015 (adaptado).

A comparação entre os textos I e II indica que o(a)

- A** intertextualidade com o mito apresentado no Texto I é um recurso presente no Texto II.
- B** narração de fatos do Texto II sintetiza os acontecimentos retratados no Texto I.
- C** vocabulário empregado no Texto II é ancorado em conhecimento literário.
- D** tema do trabalho como reparação é abordado em ambos os textos.
- E** marcação temporal no passado predomina em ambos os textos.

QUESTÃO 38

- 1 O mais assustador do meteoro que cruzou o céu da Sibéria e explodiu no ar como
- 2 várias bombas atômicas é que ele chegou sem ser anunciado. Com todas as atenções
- 3 voltadas para o outro asteroide, o que passou de raspão, o asteroide da Sibéria entrou pela
- 4 porta dos fundos sem ser detectado. A desculpa é que era pequeno demais para chamar a
- 5 atenção e por isso os alarmes não funcionaram. Nossa ilusão, até agora, era que qualquer
- 6 detrito espacial que se aproximasse de nós seria identificado e rotulado, e sua trajetória
- 7 calculada até o último milímetro com grande antecedência, o que nos daria tempo para
- 8 preparar o espírito — ou usar nossos cartões de crédito até o limite — no caso da colisão
- 9 com a Terra ser inevitável.

VERISSIMO, L. F. Disponível em: www.estadao.com.br. Acesso em: 1 mar. 2013.

Com base na organização coesiva desse texto, o(a)

- A** oração “que passou de raspão” (l. 3) refere-se ao “meteoro que cruzou o céu da Sibéria” (l. 1).
- B** expressão “sua trajetória” (l. 6) refere-se ao elemento textual “qualquer detrito espacial” (l. 5-6).
- C** palavra “isso” (l. 5) remete ao segmento textual posterior “os alarmes não funcionaram” (l. 5).
- D** pronome “o” em “o que nos daria tempo” (l. 7) remete a “ou usar nossos cartões de crédito” (l. 8).
- E** fragmento “o asteroide da Sibéria” (l. 3) introduz um elemento novo no texto.



QUESTÃO 39

Do rádio ao podcast

Desde a disseminação do rádio no Brasil, entre as décadas de 1920 e 1930, principalmente no governo de Getúlio Vargas, as pessoas passaram a dedicar uma parte de seu dia para escutar notícias, novelas, músicas e eventos esportivos em aparelhos de som. O radiojornalismo, por sua vez, teve seu pontapé inicial durante a Revolução Constitucionalista (1932) e se desenvolveu durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Quando a TV surgiu, esperava-se que o rádio fosse totalmente substituído, porém ele se manteve em alta, pois o sinal de televisão não cobria todos os lugares, diferentemente do rádio. Com o surgimento da internet, dos smartphones e de outros dispositivos móveis, o rádio foi incorporado a essas novas tecnologias até o desenvolvimento da web rádio e do podcast, mostrando-se um meio de comunicação versátil e democrático na área jornalística.

Para um pesquisador da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), o rádio não se tornou obsoleto, visto que não deixou de ser consumido e se reinventou com o tempo. “O podcast é uma continuação, uma evolução natural do rádio”, opina.

ALVES, A.; ALVES, C. Disponível em: <https://comunica.ufu.br>. Acesso em: 19 abr. 2024 (adaptado).

Ao abordar a trajetória dos meios de comunicação, esse texto propõe uma reflexão sobre a

- A** tecnologia digital e seus desdobramentos no desenvolvimento da televisão.
- B** evolução da tecnologia digital com o predomínio do podcast sobre o rádio.
- C** permanência do rádio e sua evolução por meio da tecnologia digital.
- D** influência da televisão sobre os programas de radiojornalismo.
- E** interferência da tecnologia digital nas interações humanas.

QUESTÃO 40

Desenvolvendo-se nesse meio, é natural que Celina, filha mais velha de D. Adozinda, tivesse seus pequenos *flirts* com alguns desses rapazes, muito íntimos da casa e trazendo-lhe da cidade presentes de doces, de balas de ovo, de jornais ilustrados ou de frutas.

As irmãs mais novas iam ao colégio; ela ficava, enchendo o tempo com uns crochês vagarosos, costuras leves, a leitura dos folhetins dos jornais; e o Gilberto, que raramente saía, andava sempre ao seu lado, muito caído por esse tipo um pouco mórbido de menina anêmica [...].

O Gilberto não valia nada, mas quem sabe se apareceria outro, simplório e sincero como ele? E a filha, com os seus dezessete anos, começava a embarcá-la um pouco, nesse difícil papel de virgem numa casa de pensão, cheia de rapazes. Ora, o melhor era esperar, dar tempo ao tempo... E o Gilberto e a Celina continuaram a namorar-se, ele cândido, ela dúbia; enquanto o Coronel Juvenato, que deixara a mulher em Sobral para tratar de uma concessão rendosa com os políticos do Rio, ia agora monopolizando, como protetor mais importante, as alegres visitas matinais da viúva, que já lhe levava sempre o café — mas sem flores colhidas no jardim, ainda rociadas de orvalho, porque o cearense não dava para essas coisas de poesia. Era rápido, prático, e não admitia bobagens. Por isso, todos os sábados à noite, ele dizia a D. Adozinda com um tremor lúbrico nas banhas moles da face, os olhinhos vivos pestanejando:

— A senhora não se esqueça que amanhã é domingo... Leve-me cedo o café, hein?... que eu tenho de ir à missa...

— Pois não, pois não, Coronel! fique descansado — respondia a viúva do Ferreira, muito atenciosamente, tirando-lhe umas caspas da gola do paletó, com a mão repolhuda.

Os outros hóspedes riam-se à socapa; e no domingo o café não faltava, bem cedinho...

DOLORES, C. **A luta**. Rio de Janeiro: Ímã, s.d.

Nesse trecho, ao explorar a descrição como recurso que demarca impressões e pontos de vista, o narrador cria uma ambiência sugestiva do(a)

- A** escárnio relacionado à degradação moral dos indivíduos.
- B** cenário urbano marcado por condições de insalubridade.
- C** persistência do sentimentalismo explorado pelos folhetins.
- D** prática do enriquecimento ilícito visto nas grandes cidades.
- E** desigualdade de gênero acentuada pela baixa escolarização.



QUESTÃO 41

TEXTO I

Origem, tradição e resistência

Foi sentada em seu banco de quartzo que a avó do universo, moradora da Maloca do Céu, criou os homens, os animais, a terra e as águas. O banco foi entregue aos ancestrais dos atuais Tukano, que passaram a reproduzi-lo em madeira. O mito Tukano — povo do noroeste da Amazônia que ainda hoje fabrica os bancos em seu estilo tradicional — indica o lugar dos bancos entre os objetos sagrados, ao mesmo tempo parte do universo primitivo e fonte do poder de criação. A presença nos mitos de origem de alguns povos atesta a antiguidade da arte de talhar bancos: os primeiros registros do uso desses objetos entre ameríndios das terras baixas da América do Sul, do Caribe e da América Central datam de, pelo menos, 4 mil anos.

ASSIS, R.; MENDES JR., L. **Bancos indígenas do Brasil**. São Paulo: BEI Comunicação, 2013.

TEXTO II



KAMAYURÁ, Y. **Tatu Kamayurá 1**. Madeira, 61 × 24 × 20 cm. Xingu (MT), s.d.

Disponível em: www.colecaohei.com.br. Acesso em: 15 out. 2024.

Os textos I e II demonstram, na confecção dos bancos, uma íntima relação de sacralidade entre o ser humano e a natureza, perceptível por meio da

- A representação realista de animais, mostrando o domínio do homem sobre a natureza.
- B manutenção da herança cultural, atribuindo nova função aos elementos da fauna.
- C anulação dos traços que permitem reconhecer o animal representado.
- D presença de grafismos na forma animal representada no banco.
- E criação de figuras fantásticas baseadas em formas animais.

QUESTÃO 42

TRADUZINDO O JURIDQUÊS

“Denego a liminar pleiteada na exordial, inobstante após a oitiva da parte adversa e da dilação probatória possa lograr alcançar um outro epílogo para o deslinde da *quaestio sub examine*.”

TRADUÇÃO

Não atendo, por ora, a liminar requerida na petição inicial, ainda que possa chegar a uma outra conclusão após ouvir a outra parte e avaliar as provas produzidas.

Proposta de emenda à Constituição 269 de 2013. Aplica-se aos Governadores e Prefeitos o Regime Geral de Previdência Social, vedada a concessão graciosa, após o término do mandato, de vantagem pecuniária, verba de representação, pensão ou subsídio.

TRADUÇÃO

Torna-se proibido pagar benefícios vitalícios para ex-prefeitos e ex-governadores.

Superinteressante, n. 322, ago. 2013 (adaptado).

Nesse texto, contribui para a construção da ironia a tradução das passagens escritas em “juridiquês” para uma variedade

- A padrão, que alcança o público em geral.
- B histórica, que registra a evolução das leis.
- C coloquial, que reproduz as relações sociais cotidianas.
- D erudita, que resgata a origem latina da língua portuguesa.
- E técnica, que facilita a circulação de informações no sistema judiciário.

QUESTÃO 43

Em 1995, os Jenipapo-Kanindé quebraram a tradição da sucessão masculina e nomearam Maria de Lourdes da Conceição Alves como sua líder. Desde então, a Cacique Pequena guia o povo em grandes batalhas pelo direito a terra, educação, saúde e cidadania. Hoje, a anciã de 73 anos prepara duas filhas para lhe sucederem quando ela “tombar e pai Tupã a levar”.

Hoje, 129 famílias do município de Aquiraz são reconhecidas pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) como indígenas, principal luta de Pequena para o seu povo desde o início. “Em 1995, fui a Brasília e tive a oportunidade de conversar com o presidente da Funai. Pedi que mandasse o povo dele na aldeia para fazer o estudo da nossa mãe-terra e de nós”. Dois anos depois, vieram os antropólogos, que concluíram: “Nós era índio sim!”, diz ela.

Há cerca de oito anos, Pequena adoeceu e ficou entre a vida e a morte. Nesse momento, precisou escolher, entre os 16 filhos, quem assumiria sua missão quando partisse. Reunida, a família decidiu sobre a sucessão. “Disseram que, como eu era a primeira cacique mulher do Ceará, acharam melhor eu colocar duas filhas”.

Disponível em: www.sesc-ce.com.br. Acesso em: 15 set. 2024 (adaptado).

Ao abordar a realidade da etnia Jenipapo-Kanindé, essa reportagem cumpre uma função social quando destaca o(a)

- A quantidade de famílias indígenas em Aquiraz.
- B força da tradição nas comunidades indígenas.
- C estudo sobre a demarcação das terras indígenas.
- D protagonismo feminino na linha sucessória desse povo.
- E reconhecimento dessa comunidade pelo governo brasileiro.

QUESTÃO 44

Porque ler para crianças é um ato de amor

Parece que, com o avanço da tecnologia, os livros têm enfrentado cada vez mais concorrência. Por isso, é nossa função lembrar a importância da leitura em todas as fases da vida, mas principalmente na primeira infância (entre 0 e 5 anos), quando o desenvolvimento das crianças acontece de forma mais intensa.

O ato de ler com uma criança ou ler para ela vai muito além de apenas aproveitar uma história em conjunto. É um laço de amorosidade, porque oferece a ela ferramentas que vão ajudá-la a crescer forte e independente.

Se você precisa de uma motivação extra para entrar nessa rede de incentivo, fique ligado nos motivos a seguir. Adotar esse hábito em casa:

- 1 – cria um laço emocional com a criança;
- 2 – ajuda no desenvolvimento das capacidades cognitivas;
- 3 – ensina sobre o mundo;
- 4 – incentiva o processamento de informações e a imaginação.

Disponível em: www.huffpost.com.br. Acesso em: 22 maio 2018 (adaptado).

Para persuadir o interlocutor sobre a importância de ler para as crianças, esse texto recorre à estratégia de

- A propor uma condição aos pais, pelo emprego da conjunção “se”.
- B relativizar a opinião apresentada pelo autor, com o uso de “Parece que”.
- C empregar uma linguagem metafórica, com o uso da expressão “laço de amorosidade”.
- D enumerar razões pertinentes a esse ato, como no exemplo “ensina sobre o mundo”.
- E implicar o autor do texto como corresponsável pela campanha, pelo uso de “é nossa função”.

QUESTÃO 45

A artista Marija Tiurina criou uma série chamada *Palavras intraduzíveis*, com diversas ilustrações detalhadas que transmitem o sentido desses vocábulos, que nenhuma palavra única em outras línguas pode descrever.



ROMANZOTI, N. 9 desenhos que ilustram palavras sem tradução para o português. Disponível em: <https://hypescience.com>. Acesso em: 10 jun. 2019 (adaptado).

O uso do texto verbal nesse desenho assume a função de

- A descrever de forma técnica a ilustração.
- B destacar os múltiplos sentidos do verbete.
- C explicar o significado da expressão ilustrada.
- D apresentar termos equivalentes em outras línguas.
- E apontar para a dificuldade de compreensão do termo.